

CONFESSO QUE PERDI: MEMÓRIAS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PÚBLICA*

Daniel Teixeira Maldonado

danielmaldonado@yahoo.com.br

Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

RESUMO

O objetivo desse estudo foi relatar as lutas vivenciadas na escola por um docente de Educação Física para desenvolver projetos educativos que proporcionaram aos alunos vivências de diferentes gestos das manifestações da cultura corporal, além de problematizar, com eles, os conhecimentos de ordem social e biológica que atravessam essas práticas corporais, possibilitando a ampliação do pensamento crítico dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE

Escola Pública; Educação Física; Prática Pedagógica

INTRODUÇÃO

Confesso que perdi. Esse título é inspirado no livro de memórias do cientista social Juca Kfourri. Nessa obra, o autor conta tudo aquilo que viveu como jornalista esportivo nos últimos 50 anos, apontando a sensação de derrota que obteve todas as vezes que enfatizou a tensa e tênue relação entre o futebol e a política brasileira (KFOURI, 2017).

Durante a escrita do livro, o jornalista conta que se inspirou em Darcy Ribeiro para escrever suas lembranças, pois menciona sentir orgulho das suas derrotas e que odiaria estar ao lado dos vencedores. Nesse contexto, tanto Darcy Ribeiro quanto Juca Kfourri irão ser fontes inspiradoras para escrever esse relato de experiência.

Faço parte de uma geração de professores de Educação Física que se formaram no final da primeira década do século XXI. No ano de 2019, completo 10 anos de docência na Educação Básica, sendo professor na rede municipal, estadual e federal em São Paulo durante esse tempo.



* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Minha formação inicial abordou de forma enfática os princípios do desenvolvimento motor e da prática esportiva. Poucas foram as disciplinas que discutiram sobre a função social da escola, as teorias curriculares da Educação Física, a prática pedagógica e a organização de projetos educativos para ambientes educacionais.

Durante a graduação, tive a oportunidade de realizar duas pesquisas de iniciação científica com a temática da Educação Física Escolar. Nesses projetos consegui me aprofundar em leituras relacionadas com os processos históricos da Educação Física e as propostas pedagógicas organizadas pelos docentes da área após o movimento de redemocratização do país (BRACHT, 1999).

Apenas quando ingressei no curso de mestrado e, posteriormente, no doutorado em Educação Física, passei a conhecer autores que estudavam sobre a educação pública brasileira de forma aprofunda (LIBÂNEO, 2015).

Desse momento em diante, irei relatar as lutas que vivenciei na escola para desenvolver projetos educativos nas aulas de Educação Física, proporcionando que os alunos vivenciassem diferentes gestos das manifestações da cultura corporal, além de problematizar, com eles, os conhecimentos de ordem histórica, política, econômica, social, biológica e fisiológica que atravessam essas práticas corporais, possibilitando a ampliação do pensamento crítico dos estudantes.

PRIMEIRA DERROTA – EDUCAÇÃO FÍSICA E O RELAXAMENTO

Atuei na rede estadual de ensino durante três anos. Nesse tempo passei por três escolas diferentes, todas elas em bairros periféricos da zona leste de São Paulo. Essa história se inicia no ano de 2010.

Em todas as unidades escolares que trabalhei, ao discutir com os colegas de profissão a importância de problematizar os diversos conhecimentos relacionados com as manifestações da cultura corporal, escutava a mesma resposta. “Professor, aqui a aula de Educação Física serve para os alunos relaxarem”. Além disso, em todas essas escolas, como faltavam muitos docentes, a quadra era o espaço destinado para os estudantes que estavam sem professor, impossibilitando qualquer possibilidade de intervenção didática nesse espaço.

Mesmo com uma proposta curricular na referida rede de ensino que propunha que os docentes de Educação Física desenvolvessem conteúdos de danças, lutas, ginásticas, jogos, brincadeiras e esportes nos diferentes anos do Ensino Fundamental e Médio, a cultura instalada nessas unidades escolares dificultava a sistematização de uma prática pedagógica fundamentada para as aulas do componente.

Nesse momento comecei a entender que muitos condicionantes influenciam no planejamento dos/das docentes, desde questões administrativas e políticas, como os salários e as condições de trabalho, até questões sociais e culturais, como a participação da família na vida do estudante e a compreensão da população sobre a função social de determinado componente curricular (SACRISTÁN, 2017).

Mesmo com toda a imaturidade de um professor no início da carreira, para tentar superar essas dificuldades apontadas nos parágrafos anteriores, passei a desenvolver com os discentes projetos educativos que colocavam em evidência as vivências de diferentes práticas corporais. Organizei aulas de ginástica geral, danças de diferentes regiões do Brasil, esportes coletivos e individuais, jogos e brincadeiras tradicionais e lutas de diferentes culturas.

Quando a quadra estava “dominada” pelos estudantes em aula vaga, fazia debates com os discentes na sala de aula após assistir uma produção cinematográfica que abordava um tema relacionado com as práticas corporais, utilizava outros espaços da escola para vivenciar os gestos das práticas corporais, e também passei a lutar para que os gestores e demais docentes compreendessem que a quadra era a “minha sala de aula”, sendo assim, não poderia ser utilizada para que os jovens relaxassem ou ficassem nesse espaço porque estavam sem aula.

Confesso que perdi a maioria dos embates que tive com todos e todas que gostariam de manter a cultura instalada nessas unidades escolares, mas tentei mostrar que era possível pensar em uma aula de Educação Física mais reflexiva nesses ambientes educacionais.



SEGUNDA DERROTA – EDUCAÇÃO FÍSICA E O TREINAMENTO ESPORTIVO

Durante cinco anos lecionei em uma unidade escolar do município de São Paulo. Foi nesse ambiente que consegui compreender com maior profundidade sobre o significado de ser professor em uma escola da rede pública, conheci educadores que organizavam aulas brilhantes, mesmo com condições de trabalho precárias, além de entender a importância de organizar ações didáticas que poderiam estimular o pensamento crítico dos estudantes.

Todavia, o discurso hegemônico que embasava as aulas de Educação Física nessa escola era o treinamento esportivo. Os docentes levavam os alunos para disputar as competições esportivas do município de São Paulo constantemente. O meu discurso não sensibilizava a maioria dos colegas de profissão e os discentes, já que acreditavam no discurso ingênuo que o esporte poderia mudar o comportamento de estudantes considerados indisciplinados.

Muito influenciado pelas escritas de Castellani Filho et al. (2009); Kunz (2014) e Neira e Nunes (2009), organizei ações didáticas em que os alunos vivenciaram gestos de musculação, esportes radicais, esportes para pessoas com deficiência, jogos de tabuleiro, jogos tradicionais, ginástica rítmica, artística e acrobática, lutas e danças. Entretanto, passei a discutir com mais ênfase as questões de gênero, classe, etnia e religião que perpassam essas práticas corporais.

Com o passar do tempo, os alunos começaram a compreender os objetivos das minhas aulas. A escola convivia com dois discursos contraditórios sobre a Educação Física, sendo um deles que as aulas serviam para treinar poucas modalidades esportivas e o outro enfatizando a importância das experiências desse componente curricular para a formação da cidadania.

Mais uma vez perdi para todos que não concordavam com a minha forma de atuar. Entretanto, tive o apoio de muitos docentes que acreditavam em uma educação problematizadora, que poderia possibilitar que os discentes adquirissem conhecimentos para melhorar a sua vida. Novamente, odiaria estar ao lado dos vencedores que mantinham esses estudantes com um pensamento ingênuo e superficial sobre a realidade do sistema político-econômico vigente.

TERCEIRA DERROTA – EDUCAÇÃO FÍSICA E A APTIDÃO FÍSICA

Todas as experiências anteriores relatadas aconteceram no Ensino Fundamental. No ano de 2014, pela primeira vez, passei a ministrar aulas para estudantes do Ensino Médio. Durante dois anos lecionei em escolas técnicas da rede estadual de ensino e nos últimos quatro anos tenho organizado projetos educacionais de Educação Física para alunos dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo.

Nessas duas escolas técnicas, o discurso hegemônico era que a aula de Educação servia para melhorar a aptidão física dos discentes. Por incrível que pareça, depois da elaboração de propostas pedagógicas, documentos oficiais, currículos de diferentes redes de ensino, mostrando que a Educação Física faz parte da área de Linguagens, as práticas de ampliar o condicionamento físico dos jovens eram muito fortes nesses ambientes.

Mesmo em um contexto educacional muito contaminado por esse discurso, consegui organizar projetos educacionais relacionados com diferentes práticas corporais, possibilitando que os alunos realizassem discussões muito aprofundadas sobre os conhecimentos da Educação Física. Conheci verdadeiramente a força da juventude e me aproximei mais ainda da tentativa de proporcionar uma educação que amplie a consciência crítica dos estudantes (FREIRE, 1996).

Entretanto, como ainda vivo essa realidade no exato momento que escrevo esse relato de experiência, penso que nesse ambiente tenho sofrido as minhas maiores derrotas. Tive uma luta insana para possibilitar que os jovens que não conseguiam um atestado médico para comprovar que estavam aptos a realizar atividade física poderiam fazer as aulas de Educação Física, impedi que os discentes que faziam cursos profissionalizantes no contraturno das aulas do Instituto Federal fossem dispensados das atividades



do componente, já que existe uma cultura na escola que a Educação Física não pode ser realizada no mesmo horário das outras disciplinas para não “atrapalhar” o rendimento cognitivo dos estudantes, além de ser indagado constantemente pelos gestores da escola sobre a forma que organizo a minha prática pedagógica.

Tenho perdido mais do que ganhado. Muitas vezes, uma conquista precisa ser lembrada constantemente, pois um simples descuido pode proporcionar a volta de uma atitude que já tinha sido superada. Portanto, estar ao lado dos vencedores não ajudaria em nada para que a população reconhecesse a importância desse componente curricular para que os jovens adquiram conhecimentos para lutar por uma vida mais digna e humanizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de relatar essas experiências foi demonstrar que muitos professores de Educação Física tem construído a sua prática pedagógica como autores dos seus projetos educativos, utilizando preceitos das teorias educacionais produzidas pela área, além de possibilitar que essas propostas pedagógicas possam ser constantemente reconstruídas pelos saberes que produzem na escola. Muitos relatos de prática já podem ser encontrados na literatura científica da área, como aqueles escritos no livro organizado por Maldonado, Nogueira e Farias (2018).

Tornar público essas memórias tem ajudado a repensar minha prática pedagógica nas aulas de Educação Física, além de possibilitar que outros professores possam refletir sobre as suas ações didáticas a partir das experiências relatadas pelos seus pares.

Por fim, acredito que trocar essas experiências em grandes eventos científicos da área pode modificar o discurso hegemônico da produção acadêmica da Educação Física, que ainda descreve que os docentes do componente organizam a sua prática pedagógica “entre o não mais e o ainda não”. É importante conhecer, com maior profundidade, os excelentes projetos educativos organizados por professores cada vez mais comprometidos com a Educação (Física) na escola pública.

CONFESSION I LOST: MEMORIES ON PHYSICAL EDUCATION IN THE PUBLIC SCHOOL

ABSTRACT

The objective of this study was to report the struggles experienced in the school by a Physical Education teacher to develop educational projects that provided students with different gestures of manifestations of body culture, as well as discussing with them and the knowledge of social and biological aspects that go through these corporal practices.

KEYWORDS: *Public School; Physical Education; Pedagogical Practice.*

CONFESO QUE PERDI: MEMORIAS SOBRE LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ESCUELA PÚBLICA

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue relatar las luchas vivenciadas en la escuela por un docente de Educación Física para desarrollar proyectos educativos que proporcionaron a los alumnos vivencias de diferentes gestos de las manifestaciones de la cultura corporal, además de discutir, con ellos, los conocimientos que atraviesan esas prácticas corporales.

PALABRAS CLAVES: *Escuela Pública; Educación Física; Práctica Pedagógica.*



REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. A Constituição das Teorias Pedagógicas em Educação Física. *Caderno Cedes*, Campinas, ano XIX, n. 58, p. 69 – 88, 1999.
- CASTELLANI FILHO, L et al. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KFOURI, J. *Confesso que perdi: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 8. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2015.
- MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. *Os professores como intelectuais: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira*. Curitiba: CRV, 2018.
- NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.
- SACRISTÁN, J. G. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Rio Grande do Sul: Penso, 2017.

